

## RESENHA/REVIEW

Alceu Dias LIMA<sup>1</sup>

REZENDE, A. M. de. *Latina Essentia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993.

*Latina Essentia* – Como pronunciar o engenhoso título desse livro do Professor Antônio Martinez de Rezende? Com elisão do segundo a e mantidos os traços oclusivo e dental na consoante t de *esentia*, conforme a melhor lição da honesta investigação filológica, ou *latinessência*, de acordo com os hábitos de pronúncia da filosofia escolástica, em cujo período de vigência o termo se torna usual e corrente? As duas, já que a palavra parece poder atestar-se, ainda que com baixa frequência, desde o latim clássico (Cf. Cícero, *Fragmenta*, K, 10 e Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 58, 6). Mas não resta a menor dúvida de que é a segunda alternativa que melhor convém à concepção, vamos dizer didático-poética do livro, graças às associações que, por seu poder de palavra, suscita, quer pelo som, quer pelo sentido, com, por exemplo, *quintaessência*, “aquilo em que se resumem o essencial e o mais puro de alguma coisa”. É, com efeito, na poesia, que “o poder fonético e alusivo das próprias palavras” é utilizado com êxito na produção imediata de múltiplos efeitos de sentido. No ensino tradicional da gramática, ao invés, o trabalho realizado com base na substância fônica tem sido o responsável por que se continuem confundindo variantes, quer livres, quer contextuais, com as oposições do sistema da língua. Com os resultados negativos que se conhecem: no ensino da língua, o insuportável e irracional acúmulo das falsas unidades propostas à memorização mecânica do discente e, no que concerne ao alcance social da matéria, o completo desprestígio de ordem prática, apesar das pretensas compensações das citações latinas (erradas, com muita frequência) nos jornais e revistas de grande circulação e das demagógicas “defesas do latim” na fala de quem espera confirmar com essa espécie de marca registrada privilégios de classe.

O que agrada sobremaneira nesse trabalho do Professor Antônio é que seu livro se distingue não tanto por ser um manual de ensino, quanto pela proposta de reflexão nele contida sobre a linguagem, embora tendo por tema o ensino do Latim. Trata-se

---

<sup>1</sup> Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-000 – Araraquara – SP.

aí do Latim focalizado como meio de expressão de um povo, nisso, igual ao de qualquer outro. A circunstância agravante de que se trata de um povo do passado é decisiva na escolha do melhor método para o aprendizado do Latim, não podendo ser ele – a razão é óbvia – nem inteiramente audiovisual, nem de todo analítico, não restando ao educador com isso preocupado a não ser soluções de compromisso entre as duas posições pedagógicas. Daí ser reconfortante, para quem lê *Latina Essentia*, sentir que, no tocante à questão essencial da flexão, seja a do nome, seja a do verbo, há, ao contrário do que ocorre nos ditos métodos de ensino do Latim, mesmo os recentes, o claro esforço para submeter à razão a interminável proliferação de formas engendradas no uso e para deixar em lugar delas só o conjunto finito das oposições constitutivas do sistema a ser internalizado na forma de competência. Daí também o cuidado do autor na apresentação seqüencial, mas não indevidamente gradual, de “temas”, a fim de não sugerir à inexperiência do aprendiz falsas hierarquias e, menos ainda, classificações ou distinções que a gramática, entendida no seu papel de conjunto limitado de oposições significantes, em absoluto, não pode e não deve corroborar. Daí ainda o cuidado com que se evitam no livro informações, pertinentes por certo em outros idiomas, mas não no Latim, erro que noções elementares de lingüística diferencial ou contrastiva, a serviço da lingüística aplicada, certamente manteriam afastado. Estão também ausentes do livro afirmações, em aparência, inócuas, sobre a suposta “ordem inversa do Latim”, que são, na verdade, interferências vernáculas de falante nativo do português. E quando se constata, como é dado fazer, por exemplo, na página 33, que “Em latim não existem artigos”, o truísmo, observado por parte de quem vê as coisas do ponto de vista contrastivo, se atenua à lembrança do erro escolar muito comum que consiste em “traduzir”, sempre por influência de outro vernáculo, um numeral latino por um artigo indefinido novilatio.

Se a essas características de concepção, outras se acrescentam no que se refere à apresentação da matéria, tem-se como achado feliz a generosa distribuição do texto verbal na página. A ampla margem disso resultante é aproveitada pelo professor-poeta – ou poeta-professor? – em evidente processo de desmistificação bem-humorada e numa clara demonstração de que, incomodado com a gravidade da página escrita, traz para a sua os apetrechos de seu verdadeiro ofício arvorados em insígnias: um flanelógrafo e um *clip*!

Com essas qualidades, o livro que o Professor Antônio confia a seus alunos e colegas se recomenda não apenas como um manual de latim, cabe ainda uma vez insistir, mas como um bom companheiro de jornada para quem se prepara para ser, não certamente um erudito, mas um correto estudioso de Letras. Recebendo o seu volume, é como se se ouvisse o seu autor repetir com Virgílio (*Bucólicas*, IX, 65):

*cantantes ut eamus, ego hoc te fasce leuabo.*

“Para seguirmos cantando, vou-te livrar deste fardo”.